

O Presidente da República

Reinaldo Ferreira

Edição crítica de

Patrícia Franco



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

2014

Nota a esta edição

O Presidente da República foi editado em maio de 1923, constituindo o número 12 da publicação semanal *Novela Sucesso*, composta e impressa na Imprensa Libânio da Silva sob a direção de Francisco Direitinho e a edição de Mário Filipe Ribeiro. Tendo em conta a dificuldade de acesso a esta obra, faz todo o sentido editá-la e disponibilizá-la na Bibliotrónica Portuguesa. Nesta edição, fixei o texto de acordo com as normas de pontuação e grafia atuais, e procurei eliminar alguns erros e gralhas. Em rodapé são dados o aparato crítico — presente edição] edição *Novela Sucesso* — e algumas notas ao texto.

Reinaldo Ferreira (1897–1935), pai do poeta com o mesmo nome, foi um repórter, escritor, produtor e realizador de cinema. O erro de um tipógrafo que, num artigo anónimo, interpretou um rabisco subsequente à assinatura «Repórter» como um «X» deu origem ao pseudónimo pelo qual viria a ser conhecido: «Repórter X». Misturava frequentemente ficção e factos nas suas reportagens, ou seja, «reporterxizava», segundo um neologismo que inventou. Foi considerado o maior repórter português; no prefácio ao livro *Memórias de um Ex-morfinómano*, Artur Portela escreveu:

«... sempre com uma caneta na mão, que não passeava lentamente no papel, mas galopava vertiginosamente, desentranhando-se em milhares de artigos, sensacionais reportagens, crónicas de viagem, novelas de mistério, romances empolgantes, peças de teatro, numa palavra, *toute la lyre*, que ele percutia, sem

esforço, como que ébrio ou magnetizado pela mais assombrosa vocação que tenho visto no Jornalismo!»

Luís Miguel Queirós, num artigo para o *Público*, escreveu:

«Se, como jornalista, e não obstante os seus múltiplos talentos, Reinaldo Ferreira merece óbvias reservas, já a sua inspiração torrencial, e até as acidentadas circunstâncias da sua biografia, fazem dele uma das nossas mais fascinantes figuras da primeira metade do século: uma espécie de Camilo da "série B".»

I

Davam as 11 horas na Igreja de S. Agostinho, patrono da Silvânia, quando o coronel Rodolfo entrou no Palácio Presidencial. O sol, coando-se pelos vitrais da claraboia e salpicando os degraus com mil arabescos coloridos, parecia transformar a escadaria num manto real, feito de mármore e bordado de luz.

— Sua Excelência está ainda recolhido — informou um laçaoio.

O coronel desceu a pálpebra direita, numa piscadela intencional, e perguntou:

— Mulheres, hein?

Mas o laçaoio — com essa imperturbabilidade que lhe ficara do tempo não distante em que, naquele

mesmo palácio, servira Sua Majestade Augusto I — fez ouvidos de mercador à insinuação do chefe superior da polícia.

— O Sr. Marquês de Malvor foi chamado ontem à noite por Sua Excelência — explicou — e com Sua Excelência esteve conferenciando até quasi às três da manhã.

Rodolfo compreendeu que fora indiscreto permitindo-se intimidades com um criado e constatava agora, com certa amargura, que era mais difícil adaptar-se às conveniências mais elementares dum protocolo, do que tinha sido vencer aquela revolução que o erguera tão alto. Afastou-se lentamente, deixando que a espada tilintasse sobre o *parquet* espelhento, e entrou num salão verde, aberto à direita da antecâmara. Poucos meses antes, a princesa Emanuela

acumulara ali pequenas maravilhas que o seu instinto de artista — tão delicado, tão feminino — ia descobrir, perdidas nos museus nacionais. Hoje o seu único adorno era um melancólico busto da República, moldado à pressa por um escultor que tinha o talento das oportunidades.

O coronel atravessou, rápido, o salão, e foi refugiar-se na janela do fundo. A cromolitografia do jardim estirava-se até confundir-se com a linha do horizonte, reta e azul, como desenhada a lápis. Os triângulos do buxo ocultavam, como biombos, a nudez das estátuas que o sol em chamas daquela manhã de agosto nimbava de ouro. As fontes, projetando sobre conchas de pedra plumas de diamantes, produziam um gluglu misterioso, e dois pavões, abandonados pela princesa Emanuela, espanejavam com indolência, sobre os

prados floridos, os seus mantos de safiras e esmeraldas...

— Como está, meu coronel?

Rodolfo, desperto bruscamente daquela contemplação quieta do jardim, voltou-se e deu com o conde de Colmar curvando-se em salamaleques de uma exagerada servilidade. Era de compleição franzina, meio calvo, duma palidez amarela — e dava a impressão dum chinês arrancado à sujidade dum bairro de Pequim e vestido provisoriamente à europeia. As suas pupilas nervosas e assustadas não podiam nunca fixar-se num olhar firme e leal.

— Ótimo! — garantiu o coronel, de má catadura.

— E a condessa?... Bem?... Muito estimo...

E sem agradecer com um sorriso, o sorriso com que o conde viera saudá-lo, abandonou o vão da

janela e começou um vaivém impaciente, deixando o outro, de pé, no meio do salão, humilhado, cabisbaixo, sem saber que fazer do seu sorriso — se apagá-lo rapidamente, se amarelecê-lo pouco a pouco.

— Palavra que os fuzilava a todos! — pensava o coronel. — Prefiro, mil vezes, os que se afastam e nos odeiam à luz do dia.

Entretanto chegaram novos visitantes exibindo os cartões onde lhes eram concedidas audiências... O marquês de Malvor, façanhudo e bronquítico; o barão Zépier, antigo ministro, e Mr. Treville, encarregado dos negócios da França, um peralta empolado cujo monóculo impertinente parecia gritar aos quatro ventos: «que ridículo país este;

que ridículos são todos os países¹ do mundo, exceto a França.»

O coronel, alheado de todas as conversas, parou frente ao reposteiro que cobria a passagem para os aposentos do general Alexandre, e consultou o relógio de pulso. Era quasi meio-dia. O presidente não iniciara nunca tão tarde as audiências... Que teria havido? O que se estaria passando ali dentro? Aquela porta era como que uma muralha, partindo ao meio a existência do presidente. Do outro lado vivia ele a sua vida íntima, a sua existência de homem. Mas, quando corriam aquele reposteiro, era como um pano de teatro que se levantasse: o espetáculo começava e o general entrava na jaula de cristal onde todos os seus gestos, todas as suas atitudes, eram vigiados, medidos, comentados...

¹ os países] países

... Leopoldo Krang, secretário do presidente, apareceu no salão ao meio-dia em ponto. Rodolfo, desejoso de alardear a importância da sua situação diante de toda aquela gente que ele odiava, reteve-o, inquirindo:

— O que foi isto? Sua Excelência está enfermo? Não? Nesse caso vou falar-lhe imediatamente...

Mas o secretário, que o escutara distraído, reverenciando-se afetosamente para o encarregado dos negócios da França, declarou que era impossível...

— Sua Excelência vai receber primeiro Mr. de Treville...

Desenvencilhou-se de Rodolfo e, aproximando-se do diplomata, convidou-o a acompanhá-lo. Quando ambos desapareceram por detrás do reposteiro, o coronel, ferido no seu orgulho de

plebeu, queimado pela ciumeira daquele Leopoldo que entrara na intimidade do general, conquistando-lhe influências poderosas com os seus méritos de guerra, deixou estrolejar, por entre os dentes cerrados, insultos e ameaças...

— ... Alcoviteiro, indecente... Tu verás quem pode mais, se tu com as tuas tretas, se eu com as minhas verdades; se tu, conduzindo mulheres para a alcova do presidente — se eu, defendendo-lhe a vida e o poder. Tu verás...

II

Depois de escutar com uma atenção inquieta as reclamações de Mr. Treville, o presidente premiu o botão duma campainha e ordenou ao secretário:

— Faça entrar imediatamente o coronel Rodolfo.

O general Alexandre, Presidente da República da Silvânia, pelo seu aprumo, pelas suas patilhas ligeiramente pulverizadas de branco, pela alta gola do seu uniforme berrante, pelas suas dragonas caídas dos ombros em cachos de oiro, lembrava um daqueles jovens marechais napoleónicos das oleografias. Era forte e o arcaboço de Hércules parecia estoirar sob a opressão da farda. Havia em todo ele um poder invisível, a transparência de uma vontade de ferro, que sugestionava.

Dizia que nascera para mandar e para vencer — e esta frase não era uma bravata de militarão orgulhoso e bazofiante. Toda a sua carreira fora feita vertiginosamente; as estrelas de general, ganhas aos 45 anos, eram provas de que não mentia. E contudo a sua mocidade fora só de miséria e de escravidão.

Nascera no meio duma montanha calva e seca, em que a gente partia todos os anos, em longas caravanas, afugentada pela fome. Só a inércia ou a invalidez retinha os habitantes daquele troço de rocha agreste e amaldiçoada por Deus. Até muito tarde Alexandre não conhecera outro alimento que não fosse a erva que crescia, como magra esmola da natureza, por entre os blocos de granito. Um dia desceu até à cidade e, ao chocar-se com aquela civilização de que ninguém ainda lhe falara e que nem em sonhos pressentira, sentiu o homem

surgir, brusco, dentro do envólucro de animal forte e sadio. E juntamente com o homem, nasceu a ambição, uma ambição violenta, desenfreada, broca apontada² à vida, ferindo às cegas até à desobstrução total dos diques da fortuna.

Durante vinte anos ganhou, a golpes de audácia, nas colónias, uma situação de privilégio e uma linha de vencedor — e, ao regressar ao continente, Silvânia recebera-o festivamente, como a um herói, toda engrinaldada de bandeiras e conchas; e das janelas, as mulheres, pálidas, trémulas de emoção, dessa emoção que os fortes e os vencedores lhes despertam sempre, lançavam-lhe flores para dentro do automóvel.

O rei, ao vê-lo assim, ídolo das multidões, julgou ter encontrado um defensor capaz de suster a

² apontada] apotada

tempestade revolucionária que ameaçava tragar a coroa. Mas Augusto I equivocou-se. Alexandre viera precisamente para incendiar, para precipitar a revolução.

Houve um momento em que parecia que o general ia faltar aos juramentos prestados aos republicanos. Duas ou três vezes subira a escadaria do Palácio Real — adiando, sem razão visível, o lançamento das suas tropas contra as tropas fiéis à causa monárquica. Era que Alexandre não quisera destruir aquele trono sem primeiro saciar, sobre os seus estofos heráldicos, a mais antiga e a mais profunda das suas ambições: a de possuir, dominada, escravizada em amor, a princesa Emanuela, que um dia, quando ele era um simples tenente, o mandara castigar, por tê-la fitado nos olhos provocadoramente.

Implantada a República e ainda o rei não tinha passado a fronteira, disfarçado de camponês — já Alexandre se fizera nomear presidente provisório, ao mesmo tempo que preparava, com elementos seus, uma câmara que o elegesse legalmente.

Os teóricos da Revolução, advogados falidos, jornalistas passivos, ao verem-se ludibriados por aquele homem cujo único valor era a força, murmuravam:

— Governar brancos não é o mesmo que governar pretos... e Alexandre sabe governar nas colónias...

E a meia voz, acrescentavam:

— Ele cairá!

E cada um deles concluía mentalmente:

— E então subirei eu!

III

— Oiça, coronel — disse o presidente quando Rodolfo entrou no seu gabinete —, Mr. Treville acaba de me relatar um caso muito desagradável...

— *Trop désagréable...* — retificou o diplomata, fulminando com o monóculo inquisitorial o coronel, que se perfilava militarmente.

— Informa-me Mr. Treville que tendo procurado avistar-se com você ontem, ao meio-dia, para falar-lhe da prisão arbitrária de três cidadãos franceses, você se recusou a recebê-lo...

O coronel humedeceu os lábios com a ponta da língua e respondeu, com certo nervosismo:

— Mr. Treville equivocou-se, Excelência. À hora em que me procurou, encontrava-me, como de costume, aqui, no palácio...

— Tem razão, coronel — concordou o presidente. Já me não lembrava. Em todo o caso, para acabar com este incidente, rogo-lhe que se interesse pela liberdade imediata dos compatriotas de Mr. Treville.

Rodolfo não pôde reprimir um esgar de contrariedade:

— Excelência, é que...

— Compreendeu, não é assim?... — inquiriu o presidente, cortando-lhe a contestação.

— Sim, Excelência.

O encarregado da França, satisfeito por ter humilhado o coronel, que odiava cordialmente,

mastigou um *merci bien* onde o *r* retinia como campainhas, e abandonou o gabinete.

Mal a porta se fechou, as máscaras caíram e o presidente, avançando para Rodolfo, bradou, colérico:

— Tu ainda nos hás de comprometer com as tuas perseguições ridículas.

O coronel não pôde calar-se por mais tempo. Chegara a ocasião em que ele tinha de desabafar todo o descontentamento que lhe refervia no íntimo:

— Atreves-te a censurar-me, Alexandre, quando tu, nesse estado de indolência moral em que te deixam as mulheres com quem passas as noites, ameaças resvalar do poder, arrastando contigo a República que *nós* com tanto sacrifício implantámos...

Olharam-se de frente. O rosto do general coloriu-se um pouco, como se o seu génio, o seu terrível génio, fosse estrondear. Mas não. Depressa se dominou:

— Que queres tu dizer?

— Quero dizer que a tua apregoada energia foi fogo que se apagou. Amolentado pelas mulheres que frequentam a tua alcova, esqueces a tua missão e governas sem vontade, ou pior ainda: governas influenciado pelos conselhos subtis que as tuas amantes te segredam aos beijos.

— Estás louco, Rodolfo? A que amante te referes?

— Pensas que não sei que a marquesa de Malvor é tua amante? Crês que alguém na Silvânia ignora que a condessa de Malvor compartilha o teu leito... presidencial? Julgas que não se conhecem

as tuas relações extradiplomáticas com madame Treville?

O presidente, ao ver que o coronel estava tão bem informado sobre as suas intimidades, optou por sorrir.

Rodolfo deu, em silêncio, uma volta pelo gabinete. Depois, continuou:

— Tu estás convencido que essas mulheres caem nos teus braços atraídas pela tua lenda de D. Juan; e elas, as pobres, não passam de manequins movidos pelos maridos que tas enviam para melhor vendarem os teus olhos. Queres saber quem eram esses franceses que mandei prender e cuja liberdade Treville acaba de conseguir de ti? Nada menos que contrabandistas que fornecem armamento aos nossos inimigos. E o conde de Colmar? Tu acreditas, não é verdade, na sua

dedicação pela República? E não adivinhas³ quais são os seus planos? Quer que tu o reintegres no ministério da guerra para poder manobrar à vontade. Tenho provas de que não passa de um espião encarregado de vigiar-te. E o conde de Malvor, com quem tu ontem estiveste fechado até de madrugada? O canalha, quando sai daqui, envia longos telegramas em cifra, para o norte... Compreendes, enfim, a razão por que todas elas, madame Treville, a marquesa de Malvor e a condessa de Colmar, cedem aos teus primeiros rogos? Compreendes, enfim, o segredo das tuas felicidades de Tenório?

A princípio, o presidente escutara-o com um certo mal-estar. Mas à medida que Rodolfo, no nervosismo da discussão, vibrava, violentas, as

³ adivinhas] advinhas

acusações, o rosto de Alexandre desanuviara-se até se abrir num franco sorriso.

— É tudo? — inquiriu.

— Achas pouco? — perguntou o outro.

— Pouquíssimo. Além disso enganaste-te como um tonto, Rodolfo. Essas mulheres cederam, porque não há honestidade mais forte que a minha vontade. Já sabes que é difícil influenciar-me. Os braços das mulheres, por mais doce que seja o seu contacto, não conseguem prender-me, perturbar-me, desviar-me do meu caminho...

Levantou-se da mesa de trabalho e, sem pressa, com essa tranquilidade dos que têm a certeza de vencer sempre, dirigiu-se para a porta do salão e deu uma volta à chave.

— Tu, agora, Rodolfo, oculta-te o melhor que possas com esse biombo e ouve com atenção a comédia que vou representar em tua honra.

O coronel, atónito, obedeceu, indo ocultar-se por detrás dum biombo japonês onde pássaros pintados de oiro esvoaçavam em volta do disco de prata duma lua oriental. Alexandre atravessou então o gabinete e, aproximando-se duma porta discreta, pequena e misteriosa, como as dos palácios tenebrosos de Veneza, abriu-a e chamou:

— Helena... Queres chegar aqui?

IV

Instantes depois, entrava no gabinete do presidente a condessa de Colmar. A sua beleza afrancesada, artificial, uma beleza toda em doirados e carmim, impressionava, sobretudo, pela excentricidade, quasi pela espiritualidade da *maquillage*. Vestia um *kimono* de seda que tinha reflexos de platina e que apertava — como um *maillot* — o seu corpinho leve, flexível.

— Pensei que estavas acompanhado... — murmurou a condessa, espiando o gabinete com desconfiança.

— Sim... estava com Rodolfo — afirmou. — Mas, como vês, já se foi...

E com um sorriso muito terno nos lábios, concluiu:

— Estamos sós.

A condessa, tranquilizada, abandonou a reserva com que entrara; acercou-se de Alexandre e os seus braços, muito brancos, como serpentes, enroscaram-se-lhe à volta do pescoço. Os seus olhos estavam pisados, com círculos violáceos, denotando fadiga e insónia.

— Que noite, Deus do Céu! — exclamou Helena num tom de levíssima censura...

— Lastimas-te?

— Oh! Não! Lastimo só que todas as noites que me faltam para viver não sejam iguais a esta...

Calaram-se. Alexandre caíra em *extasis*; preocupava-se e, lentamente, libertava o corpo da doce pressão dos braços da condessa.

— Que estás pensando? — perguntou ela com estranheza.

Alexandre fingiu despertar da sua reflexão.

— Há muito que uma dúvida me atormenta noite e dia — confessou. — Uma dúvida que veio mais uma vez turvar-me a alegria.

— Uma dúvida?

— Temo dizer-te. É... como direi?... cruel, quasi ofensiva para ti.

— Fala francamente, Alexandre.

— Seja! — e pegando-lhe nas mãos, fitando-a nas pupilas, disse:

— Mil vezes tenho perguntado a mim mesmo se tu vieste para os meus braços voluntariamente ou atirada pelo teu próprio marido que está forjando, na sombra, um golpe contra mim e quer encontrar-me sem defesa.

Helena, muito pálida, ferida no seu orgulho, recuou uns passos, clamando contra aquela hipótese que a inflamava.

— Como pudeste tu suspeitar, assim, da minha lealdade! Tu, Alexandre, que soubeste seduzir princesas e não sabes diferenciar entre a mulher que calcula a entrega e a que se dá, inteiramente, cega de amor? Tu crês que pode fingir-se durante toda uma noite, durante todas as noites que me tiveste, o encantamento e o incêndio que despertaste em mim? Tu não sentes quando eu, toda encolhida entre as tuas mãos — tremendo de

emoção e com os meus olhos fechados sob a doce volúpia dos teus beijos —, que possuis completamente um corpo e uma alma de mulher?

O presidente suavizou a máscara cheia de dureza com que pouco antes lhe falara; enxugou com os lábios as lágrimas que começavam a orvalhar o seu rosto de boneca, e sem se alterar, indicando um maço de papéis que estavam sobre a secretária, disse:

— Tenho documentos que provam que teu marido se serve da amizade e confiança com que o recebo para melhor preparar os que pensam assassinar-me se for possível.

— Canalha! — bradou Helena, erguendo-se de novo. — É um gesto bem digno dele. Tu ignoras ainda quem é esse homem e as lágrimas que ele me tem feito chorar...

— Ouve, meu amor: apesar de tudo *esse homem é* teu marido e a mim custa-me anunciar-te que...

— ...que?

— ... acabo de dar ordem para que o prendam...

E depois, muito baixo, apertando-lhe muito as mãos, acrescentou:

— Terei, talvez, de o fuzilar.

Alexandre tinha o rosto de Helena todo envolto no seu olhar fixo, atento, atencioso. Mas a condessa manteve-se sem um esgar de dor ou de emoção. Pelo contrário: sem que os seus lábios se movessem, havia em toda ela a ténue claridade dum sorriso.

— E que me importa a mim que o prendas ou que o fuziles? Tanto pior para ele se os seus próprios crimes o esmagam, deixando-me o caminho livre

para poder entregar-me a ti completamente, dia e noite.

Helena veio aproximando-se de novo. As últimas palavras foram apenas silabadas, tão oprimidos estavam os lábios contra os do amante. Mas o corpo do general não estremeceu ao contacto daquela boca que o mordia. Afastou-a — e mais calmo que nunca, observou:

— É necessário que não nos perturbemos⁴. Chamei-te para me tranquilizar. Agora que renasceu em mim a confiança, vou retomar o meu trabalho com o otimismo de sempre. O automóvel de Leopoldo deve estar aguardando, frente à porta da Rua de Apolo. Adeus, meu amor. E nada de imprudências...

⁴ perturbemos] perturbamos

A condessa tentou ainda beijá-lo, mas Alexandre esquivou-se ao assalto dos seus lábios, sorrindo. Ela saiu meio amuada. E quando a porta se fechou, o presidente, suspirando fundo, como quem acaba de cumprir uma missão dolorosa, exclamou:

— Rodolfo... Podes sair do teu esconderijo. *La commedia è finita...*

E quando o coronel surdiu, detrás do biombo, completou:

— Uff! Já não a posso suportar. Foi a última vez...
Para capricho, durou demasiado.

V

De pernas em compasso, mãos cruzadas atrás das costas, vexado, com a nítida noção do fracasso, Rodolfo fitava o presidente, que fora abancar à sua mesa de trabalho.

— Sou, na verdade, um idiota — confessou o coronel à sua própria consciência. — Nem estas mulheres vêm aqui com missões de suborno, nem o Alexandre é homem para se deixar suggestionar. Mas o que não há dúvida também é que este homem anda perdido, apático, sem corpo para sentir as dificuldades ou as ciladas que lhe armam...

O general, que parecia distraído, tilintando com a caneta de prata no tinteiro de cristal, cortou, de repente, a cogitação de Rodolfo:

— Pobre amigo: não te cansas a construir hipóteses. O teu interesse, a tua dedicação, obriga-me a ser franco...

Rodolfo surpreendeu-se; única vez em mais de 20 anos de sua convivência estreita de casernas e batalhas, falara-lhe daquele modo.⁵

— Ah! Agora compreendo tudo — declarou. — Tu mentiste-me. Tu amas essa mulher que acaba de sair daqui...

— Não! Pobre Helena. Foi um capricho: já to disse...

— Então é M.^{me} Treville...

⁵ falara-lhe daquele modo.] fala-lhe daquele modo:

— Ainda menos. Madame Treville é a mentira esculpida na carne. Nem ela, nem nenhuma das que citaste me interessa.

E depois de uma pausa, continuou:

— Tu tens razão. Eu já não sou o mesmo. Era desnecessário que mo dissesses. Há muito que me vejo destruído: sofro porque o meu único talento, o meu único valor, era essa força, esse corpo, esse poder sempre triunfante. Perdido ele — o que me fica? Nada! A derrota, a imobilidade, a invalidez...

— Homem de Deus! — protestou o outro. — Não há males incuráveis. Um pouco de repouso bastará!...

— Não é fadiga. É pior. É mais grave. Tu há pouco tinhas acertado. Trata-se realmente de

mulheres: de uma mulher que me reduziu ao estado em que me encontro.

— Uma mulher? E tu duvidas de sua fidelidade?

— Não tenho fidelidade a exigir-lhe, visto que não é minha amante.

O coronel pulou, como se Alexandre tivesse feito uma afirmação inverosímil.

— Não é tua amante? E porquê?

— Porque não quer!

— Resiste-te?

— Resiste-me dum modo invencível!

O presidente levantou-se. Havia em todo ele, na voz, no olhar, um abatimento, um desânimo que afligia.

— É triste, é muito triste, Rodolfo. Se eu acreditasse no Céu, diria que era castigo de Deus. Tu sabes que nunca ambicionei uma fêmea, por mais alto e defendida que estivesse, que a não possuísse, plenamente. Quando fitava uma mulher, fazia-o com a convicção de que ela seria minha no dia e hora que eu quisesse. Apeteceu-me uma princesa — e com essa princesa me deitei. Destruí uma corte — e as fidalgas expulsas do esplendor dessa corte, que deviam odiar-me, vêm, ao primeiro aceno, oferecer-me os seus lábios. Em 20 anos de vida amorosa, passaram tantas mulheres pelo meu coração, passaram tantas, que seria impossível recordar-me de todos⁶ os seus nomes, de todos os seus rostos. E todas vieram entregar-se só porque me apeteciam os seus

⁶ de todos] todos

corpos. E hoje, que suplico uma alma, essa alma nega-se-me, como se eu pretendesse violar um relicário sagrado.

— Mas que mulher é essa? Que virtude é a sua que assim resiste a ti, vencedor de todas as resistências e de todas as virtudes?...

Alexandre torceu os lábios num sorriso amargurado:

— A sua virtude? Ah! Vais tomar-me por louco. Essa mulher não tem virtude a defender, porque é de toda a gente. Não tem mesmo ambições, porque se vende por qualquer preço.

— Não é possível! — tartamudeou Rodolfo.

— Mas é verdade, a dolorosa verdade. E eu, que não agradeci nunca às virgens que, confiadas, deixavam que lhes destroçasse a vida, só pelo

prazer de as amar durante oito dias — estou agora preso e bem preso pelo amor, amor de carne e alma, a uma⁷ cortesã ao alcance de todas as bolsas.

E suspendendo-se arquejante, afogueado, calou-se para regularizar a respiração; a seguir continuou:

— Tu deves conhecê-la. Toda a Silvânia a conhece. É Olímpia, a estrela de *music hall*, a sacerdotisa de todas as orgias, que se vende por uma garrafa de *champagne*...

— É necessário reagir! — aconselhou o coronel, para dizer qualquer coisa.

— Reagir? Ah! Quando um homem da minha têmpera cai na prostração em que caí, é porque já não tem energias para que apelar; é porque está

⁷ a uma] duma

esgotado, vencido. Tentei fazer-lhe vibrar o orgulho, a vaidade, e ofereci-lhe Amor; dirigi-me à *cocotte* e ofereci-lhe dinheiro; dirigi-me à mulher e supliquei piedade. Tudo inútil...

E afilando as pupilas, num olhar febril em zigzagues, perdido pelo espaço, concluiu:

— Só me resta um único recurso — o último. Empregá-lo-ei esta noite. Se sair vencedor, entrarei então nas delícias da calma, e voltarei a ser o que era. Se for vencido, pobre de mim!...

VI

Olímpia, terminando o seu número, envolvera-se numa capa *lame d' argent*⁸, que lantejoulava sob os focos elétricos, e, sem apagar do rosto as tintas e os carmins da *maquillage*, foi direita à saída da caixa, onde a esperava o automóvel do costume.

— *Mademoiselle... Mademoiselle...* — chamou uma voz aflautada e rouca, que vinha dum ângulo do corredor.

Era a tia Elisa, a velha asmática, de olhos vermelhos de oftalmias⁹, veterana do amor, reformada há muito e cujas palavras pareciam

⁸ *lame d' argent*] *lame-argent*. Nota: Tecido prateado, neste caso de lantejoulas.

⁹ oftalmias] *ophthalmas*

sempre assopradas por um *harmonium* com pouco som...

— Duas palavrinhas... São só duas palavrinhas...

Olímpia teve um esgar de fastio e, dirigindo-se ao homem que a acompanhava, pediu que a esperasse um momento...

— Que quer? — inquiriu ela, abeirando-se da tia Elisa.

— Esperam-na no *foyer*... — anunciou a velha. E como Olímpia fosse a objetar, a velha implorou que a não deixasse mal, que era negócio certo...

— E quem é ele? — inquiriu Olímpia.

— Isso não sei, mas pela gorjeta que me deu posso garantir que o senhor Júlio terá o suficiente com que gastar durante toda a semana...

— Cala-te, bruxa — ordenou Olímpia. — Já sabes que não admito insinuações...

E depois de um momento de reflexão, acrescentou:

— Seja. Ficarei...

Voltou-se então para o companheiro e, num tom em que desaparecia por completo toda a picardia da *cocotte*, ficando apenas uma grande ternura, disse-lhe:

— Perdoa-me, Júlio. Chamam-me lá acima. Vais para casa e esperas-me?

Júlio era um rapazola ainda. Teria, no máximo, 20 anos. O seu corpo bem musculado punha em contraste o rosto desbarbado e loiro, de pajem florentino. Vestia preocupadamente, numa elegância chulesca — de botas de cores

fantásticas e chapéu de coco tombado sobre um olho.

— Espero aqui — contestou.

Olímpia beijou-o e, com a indolência de quem quer retardar a consumação dum sacrifício, começou¹⁰ a subir a escada que conduzia ao *cabaret*.

... Olímpia não era nova nem bela. A sua fealdade possuía esse caprichoso encanto com que o Diabo costuma entreter-se nas suas horas de ócio. O seu outono rolava pelos 37 anos — e se não conservara a frescura da mocidade, irradiava de toda ela a provocação da mulher que atingiu a supersensibilidade da carne, a erudição máxima do amor. A boca, principalmente — uma boca

¹⁰ começou] e começou

inverosímil, rasgada, que lhe tomava todo o rosto e era a ameaça perpétua duma dentada gulosa, carnívora...

Ao chegar ao vestíbulo para onde se abriam os salões reservados, notou que naquela noite o *cabaret* possuía uma clientela estranha, extravagante, composta de indivíduos sem *toilette* e com ar macambúzio de quem cumpre missão pesada e monótona.

— Esperam-na ali... no número 1 — preveniu o *mâitre*.

E Olímpia entrou na sala número 1. De costas para ela e em frente a uma mesa onde garrafas de *champagne* gelavam em baldes de cristofle¹¹, um homem de casaca lia uma revista qualquer. Era

¹¹ cristofle] cristofles. Nota: metal branco que imita a prata.

impossível reconhecê-lo — mas isso que lhe importava? Fechou a porta sem fazer ruído; desembaraçou-se da capa e, aproximando-se no bico dos pés, abraçou-lhe a cabeça, vendou-lhe os olhos com as conchas das mãos. Um espelho incrustado na parede reproduzia a cena. Olímpia mirou-se e, vendo aquele homem com quem teria de compartilhar a sua noite, o seu rosto, onde já floria o sorriso profissional, crispou-se de assombro e de indignação.

— É o senhor? Ainda o senhor?

Alexandre voltou-se, rápido, e, tentando apoderar-lhe as mãos, murmurou, muito baixo, quasi em segredo:

— Sou eu — serei sempre eu. Perdoa-me o ardil — mas que remédio? Esgotei todas as súplicas para que viesses falar comigo... — e depois,

retomando-se a si mesmo, gritou-lhe: — É preciso, é indispensável que esta noite mudes de atitude; que transijas, que me libertes deste inferno em que vivo. Se não queres entregar-te por amor, nem por vaidade, nem por piedade — entrega-te por interesse. Pagar-te-ei o que pedires... Que importa um homem a mais na tua vida?

Olímpia escutara-o, contendo-se com esforço. Os dentes, felinos, mordiam os lábios grossos, sensuais. O bico de sapato de cetim rabiscava sobre o tapete arabescos nervosos.

— É escusado continuar! — declarou, por fim — Precisamente porque sou uma mulher de *todos*, é que tenho o direito de recusar-me a *um* que me repugna. Seja qual for a miséria da minha vida,

sou senhora do meu corpo e não existe lei nem poder que possa obrigar-me a entregá-lo.

Alexandre abandonara a atitude de domador — e temendo que ela, mais uma vez, fugisse de entre as suas mãos, explicou, com olhares de súplica:

— Mas tu não compreendes, mulher, que eu não te quero como te têm querido esses homens que ceiam contigo e pagam os teus beijos com *champanhe*? Não é um capricho, um desejo brutal de carne. Oh! Antes o fosse! Fácil seria resignar-me com a tua negativa. Não é só o teu corpo que eu ambiciono... É a tua alma...

Ela estremeceu, como se aquela palavra fosse um supremo insulto.

— Razão tenho, pois, para não ceder. Queres¹² a minha alma? E eu só vendo o meu corpo...

E exaltada¹³, dum rompante, de dentes cerrados, as pálpebras semicaídas, arrancou o chapéu, ergueu com os dedos o ouro fulvo da cabeleira — e avançando o rosto para os olhos de Alexandre, disse, tratando-o por tu, pela primeira vez:

— Vê bem... Não te recordas de mim? A minha cara não te diz nada? Não? Pois a tua, sim... e passaram 20 anos. Eu fui para ti umas horas de prazer que depressa se esquecem. Tu foste para mim o destruidor de toda a existência, a quem não se perdoa nunca. Há 20 anos também tu juravas amar-me com a mesma veemência de agora. E eu acreditei... Incendiaste-me com as tuas palavras,

¹² Queres] Quero

¹³ exaltada] exaltado

com as tuas promessas — e uma noite bastou para te saciar. Fugiste. Desapareceste. Eu fui caindo até a isto e tu foste galgando a vida, triunfando sempre. E como queres tu que eu agora, que estou velha, gasta, prostituída, creia nesse amor que bradas para aí — se tu me mentiste quando eu tinha a sedução da pureza e a frescura da mocidade?

Alexandre tentava adivinhar através daquele rosto pervertido pela orgia e pela *maquillage* a pequena heroína duma velha aventura. Lembrava-se, vagamente, dum baile ingénuo num casino de província, do assalto a uma casita perdida no meio do campo, numa noite de luar, a posse sem resistência duma criatura loira e mística, que o escutara hipnotizada... Mas seria Olímpia essa criaturita? Sabia lá... Durante 20 anos quantos outros assaltos não tinha ele empreendido?

Quantas outras virgens não tinham sido desfolhadas pelo seu egoísmo?

E Olímpia, aproveitando-se da perturbação em que as suas palavras tinham deixado o general, abalou para a porta. Os dedos enclavinharam-se; as unhas, que pareciam palhetas cor-de-rosa, quebraram-se contra a imobilidade da chave. Estava fechada por fora.

— Que quer isto dizer? — exclamou, voltando-se para Alexandre, que continuava imóvel, silencioso, fitando-a com um olhar incompreensível.

— Abram! Estamos fechados! — gritou Olímpia. E lá fora, no corredor, como um eco, ouvem-se gritos, estrondeiam dezenas de gargalhadas.

Alexandre descera também até à porta; e, segurando-a pela cintura polairesca¹⁴, avisou-a que seria inútil aquela gritaria:

— Não te ouvirão!

— Mas isto é uma infâmia.

— É uma infâmia! — repetiu o general. — E és tu quem me obriga a cometê-la.

E pouco a pouco foi-se apossando do corpo de Olímpia. E apesar de tudo, a sua figura não tinha o confrangimento apoucado e traidor do tigre que prepara o salto. Pelo contrário; crescera, parecia mais forte, o peito de Hércules inchara-se... E Olímpia, ao contemplá-lo assim, forte, dominador, deixou-se impressionar, por

¹⁴ polairesca: *muito fina*. Alusão ao nome artístico da cantora e atriz fancesa *Émilie Bouchard, Polaire (1874–1939)*, conhecida por ter uma cintura de vespa.

momentos. Mas ao sentir as mãos do presidente fecharem-se à volta dos seus pulsos, como algemas d' aço, ao ver-se vencida, estirada sobre a *chaise-longue*, uma indignação convulsa a agitou toda. Os seus dentes procuravam com raiva a carne do bruto que a prendia; as unhas pontiagudas feriram-no na boca, tingindo-lhe a face de sangue; e por fim, num supremo esforço, gritou num berro feroz, num brado d' angústia que punha em vibração todos os seus nervos.

— Júlio! Júlio!

E continuou a debater-se; a ferir; a arranhar. E Alexandre, na sua febre, na quasi animalidade da posse que iniciara, não via, nem ouvia — até que Júlio, de mãos nos bolsos, o cigarro no canto da boca, mais chulesco do que nunca, surgindo, no

meio do gabinete, como parido por um alçapão de teatro, o sacudiu e o despertou:

— O que faz aqui? — indagou o general, assombrado.

Olímpia, liberta finalmente da prensa dos braços de Alexandre, correu para Júlio, escudando-se com o seu corpo...

— Que venho fazer? Saudar Sua Excelência, o Sr. Presidente da República da Silvânia.

O presidente, gorgolejando uma praga, avançou, trémulo de ira, para Júlio...

— Cuidado, hein? — aconselhou este, atirando o cigarro ao chão e fechando os punhos.

E ela, enroscando os braços no pescoço dele, assustada e ao mesmo tempo envaidecida, pediu-lhe que se fosse e que a levasse:

— Deixa-o, Júlio. Ele não é homem para ti...

Era o máximo vexame. O Hércules, o vencedor, estremeceu... Pensar que aquele badameco desbarbado o atemorizava!.... E ter de sofrer-se, de conter-se, para evitar o escândalo.

Dos gabinetes vizinhos a berraria calara-se, como por encanto — e a porta, cuja fechadura saltara e se balouçava, abriu-se. Leopoldo, acompanhado de dois homens reforçados e de grossa bigodeira, atirou-se para dentro do salão, afogueado.

— Excelência... O que sucedeu?

— Não sucedeu nada... — afirmou Júlio — porque esse homem é um covarde...

— Prendam-no! — mandou Leopoldo.

Mas Alexandre, sustendo os dois agentes, ordenou:

— Não... Deixem-no. É um louco...

— Descansa que ainda um dia terá notícias deste louco! — ameaçou Júlio.

E Olímpia, toda dependurada nele, sorrindo, triunfante e orgulhosa, foi-o arrastando lentamente para o corredor.

VII

Em redor do palácio de mármore, os faróis dos automóveis, brilhando através da humidade do nevoeiro, pareciam pupilas dilatadas de monstros marinhos. Ouvia-se o relinchar dos cavalos dos gendarmes, escondidos na sombra do arvoredos. As tropas da província, chamadas com urgência à capital, cruzavam-se em silêncio em direção aos quartéis.

Lá em cima¹⁵, no gabinete do presidente, estava reunido o governo e todos os ministros concordavam com a hipótese aceite pelo vulgo. Os inimigos do regímen, acampados ao norte, bem equipados, com boa artilharia, iam intentar

¹⁵ em cima] cima

um ataque à cidade. E realmente o que se passara naquela tarde permitia todas as suposições.

Como estava anunciado, o presidente passou revista no Parque Central às tropas da guarnição. Sempre que o general Alexandre se exibia em público, por mais pueril e insignificante que fosse o espetáculo que o pretextasse, uma multidão congestionava os passeios, apinhava as janelas, uma multidão essencialmente feminina, ansiosa de contemplá-lo, como românticas leitoras de Dumas a quem um milagre pusesse em presença de D'Artagnan. No momento preciso em que o automóvel do presidente dobrava a esquina da Avenida do Norte, envolto pelo hino dos aplausos e das aclamações, três tiros de pistola, antipáticos como ganidos de cachorros, apagaram num silêncio medroso a gritaria da gente. Por milagre, o presidente saíra ileso do atentado: as três balas

tinham-se achatado contra a *carrosserie* do carro. E Alexandre, aparentando essa serenidade dos que veem o perigo passado, erguera-se sorrindo, rogando calma ao povo que se chocava, se debatia, se atropelava, atemorizado...

Quem disparara aquelas balas? Ninguém o sabia — mas todos o adivinhavam. O atentado fora o clarim da luta há tanto tempo esperado e que agora, sem dúvida alguma, ia iniciar-se. Era a reação dos inimigos do general que começava...

Davam as seis horas na Igreja de S. Agostinho, patrono da Silvânia — quando o coronel Rodolfo entrou arquejante no gabinete do presidente.

— Que havia? O que sabia? — perguntavam precipitadamente os ministros...

— Já o temos nas mãos! — anunciou, radiante, o chefe da polícia...

— A quem? — quiseram saber.

— Ao autor do atentado contra sua excelência. O cavalheiro resistiu aos interrogatórios durante duas horas. Mas quando lhe metemos as mãos na prensa da correspondência e lhe as apertámos — confessou tudo... tudo. Estava oculto sobre um telhado da Avenida do Norte — e assim se explica a tranquilidade como ele realizou a proeza.

— E o motivo... o motivo? — inquiriu com impaciência o presidente.

— A esse respeito não conseguimos apurar nada. Não houve dor que o fizesse falar.

Esse detalhe, aliás, não tinha importância. De sobra sabiam eles quem eram os cúmplices e quem tinha armado a mão do criminoso. Era indispensável executá-lo em 24 horas. Esse cadáver seria lançado contra os que na sombra

preparavam a batalha, como uma ameaça e como um exemplo...

A entrada no gabinete de Leopoldo Krang fez calar a discussão. O secretário vinha segredar umas palavras ao ouvido de sua excelência. Alexandre escutou-o em silêncio e, quando ele calou, dirigiu-se aos seus ministros, pedindo-lhes que o desculpassem...

— Passei a noite em claro. Estou a cair de sono e de fadiga...

Despediu-se, saiu. Das janelas escorria para os corredores do palácio uma ténue claridade cinzenta, da manhã chuvosa e triste que nascia...

VIII¹⁶

Ao dar de cara com Olímpia estacou, surpreendido.

Olímpia não parecia a mesma que noites antes o desprezara e o insultara. Vinha vestida de negro — e no rosto, limpo de *maquillage*, a palidez tinha tons de marfim. Umhas olheiras violetas cercavam-lhe os olhos vermelhos de chorar.

Passada a perturbação, Alexandre julgou ver claro o motivo daquela visita, e correu de braços estendidos para recebê-la:

— Obrigado! Obrigado por teres vindo!

¹⁶ VIII] VII

Mas Olímpia, fitando-o, sem censura, afastou-o docemente.

— Não creias que venho refazer o que destruí; oferecer-te o que recusei. Não. Venho porque era preciso que viesse; venho porque tenho a alma em sangue e os olhos queimados pelas lágrimas; venho para que o salves, porque se *ele* morre — que será de mim?

Lentamente, o corpo de Olímpia foi resvalando, até cair de joelhos.

— Venho implorar-te que *o* perdoes, que *lhe* poupes a vida. Se não por *ele* — pelo menos por mim, em nome desse amor que soube despertar-te.

Alexandre, de testa franzida, não podia entender:

— Por Deus! Fala claro. A quem te referes? A quem é que eu ameaço e para quem imploras a minha clemência?

— Para *ele*... para Júlio.

«Júlio? E que perigo era esse que pesava sobre a existência de Júlio?» — pensou o presidente.

— Foi preso esta madrugada. Afirma-se que será fuzilado em 24 horas. Toda a gente crê que ele atentou contra a vida do presidente — mas a verdade é que apenas quis castigar o homem que me brutalizara!

Alexandre, ao compreender do que se tratava, ao ver diáfano todo aquele drama, teve uma vertigem e caiu pesadamente sobre um *fauteuil*. Mas pouco a pouco, mirando Olímpia, que continuava na frente, encharcada de lágrimas, o egoísmo dos seus sentidos foi reagindo da prostração; o

sentimento de piedade desapareceu, ao senti-la ali, a dois passos, humilhada, angustiada, disposta talvez a comprar por qualquer preço a vida do ente querido... Levantou-se e, esquecido já daquela tragédia que ele¹⁷ provocara e que ela ali representara num símbolo de Dor, disse-lhe:

— Olímpia: tu acusas-me, muda, com os olhos, com os pensamentos, de ser o causador da desgraça em que caiu esse teu Júlio — quando na verdade, a única culpada és tu, com a tua invencível teimosia. Se não tivesses recusado essa migalha de amor, que era para mim o ar que me faltava e¹⁸ para ti uns beijos a mais, que perdias? — nem esse homem teria disparado contra mim, nem estaria agora sob a sombra da morte.

¹⁷ ele] ela

¹⁸ e] é

E baixando a voz, assoprando as palavras num tom que tanto podia ser de ameaça como de ternura, concluiu:

— Seria cruel e ridículo se quisesses repetir comigo a tragédia da *Tosca*¹⁹...

O golpe fora certo. O presidente recuou, de braços cruzados, exclamando:

— Nem agora... nem nunca! Que orgulho o teu, mulher! E não me dirás porque me odeias tanto... tanto?

— Porque te amo!

A resposta fora seca, dada num grande desabafo. Um rubor inexplicável coloriu o rosto limpo de

¹⁹ *Tosca* é o nome de uma ópera de Puccini; a protagonista promete entregar o seu corpo em troca da salvação do amante, cuja execução, em vez de verdadeira, seria fingida. *Tosca* não cumpre a sua parte no acordo, assassinando o homem a quem se ia entregar, e, após a execução do amante, suicida-se.

maquillage da *cocotte* mais impura da Silvânia, onde se lia aquela²⁰ confissão transbordada num momento de brusca sinceridade, e que envergonhava, e fazia sofrer.

— Amas-me? — repetiu Alexandre, com gargalhadas de escárnio. Amas-me e negaste as minhas súplicas. Amas-me e gozas com o desespero em que me manténs.

— Sim... sim — amo-te! — protestou ela, já com desejo de ser acreditada. — Foste o homem que primeiro me beijou na boca — a quem ofereci o primeiro amor — e uma mulher nunca esquece. Apesar da tua infâmia — apesar dos anos que passaram — amo-te²¹ ainda hoje. Amo-te e nego entregar-me porque o meu orgulho de mulher foi

²⁰ aquela] que aquela

²¹ amo-te] temo-te

burlado; o meu orgulho de mulher que se vende revolta-se ante a cilada de amor que, pela segunda vez, me querias armar. Tu nunca amaste nem amarás nunca. Tu mentes sempre, como me mentiste há 20 anos...

Agora Alexandre acreditava naquela confissão. Uma onda de prazer oxigenara-lhe a alma torturada durante tantos meses pela dispensa horrível do corpo desejado que se esquivava. Ria e os olhos humedeciam-lhe. Enfim... Ela queria-o. Era o triunfo que, pela primeira vez²², tardara em²³ vir ao seu encontro. Esfomeado, quase brutal, assaltou-lhe a boca, procurando sustê-la com os dentes...

²² primeira vez] primeira

²³ em] sem

— Não! Ainda não! — bradou Olímpia, fugindo, rápida.

— Porque esperas, mulher? — Indagou ele, esperando, impaciente.

— Espero ter a prova de que não mentes; a prova de que me amas com a alma; que esse amor é tão forte que resiste à própria sede que provoca...

E depois, fixando-o nos olhos:

— Tu tens-me aqui fechada no teu palácio, onde vim voluntariamente para implorar, de joelhos, a vida de um ente querido. Se tu quiseres, se tu o entenderes — serei tua. Nem mesmo resistirei. Pelo contrário... facilitar-te-ei o caminho.

E ainda não o dissera e já as suas mãos abriam, rasgavam a *mousseline*. Como se uma taça de leite se entornasse de repente no negro da blusa, os

seios de Olímpia surgiram na exuberância da sua carnação branca e opulenta.

Alexandre oscilou... Correntes de pensamentos opostos batalhavam-se-lhe no cérebro, paralisando-lhe a vontade, enchendo-o duma resolução. Que fazer? Deixar que a impaciência dos seus desejos destruísse para sempre aquela probabilidade de Amar que ele lhe pressentia, ou provar com o sacrifício doloroso da abstinência que a amava com a alma? Permitir que ela partisse — e esperar que acreditasse na sua Paixão — ou saciar-se naquela carne que se lhe oferecia, esplêndida e sem resistência? E por fim, sem querer pensar mais, de pálpebras cerradas para que os seios nus de Olímpia, atirando-lhe para os olhos a brancura da sua carne, não o cegassem, como cegam os focos de luz — foi até à porta e escancarou-a dum empurrão.

— Vai!... Sai depressa...

Olímpia prendeu, como pôde, a blusa esfrangalhada; aconchegou a capa — e lentamente aproximou-se de Alexandre:

— E... *ele*?

— Dentro de duas horas estará em liberdade!

— Juras-mo?

A boca do presidente estava tão perto dos ouvidos de Olímpia que o bafo da sua respiração, como o espírito dum beijo que não chega a dar-se, queimava-lhe a pele.

— Juro-te!

Os olhos de Olímpia, inflamados pelas lágrimas, tiveram, pela primeira vez naquela manhã, um clarão de vida, e, abandonando bruscamente a atitude humilde e angustiante, avançou, rápida,

para o outro lado do corredor. Depois, ao ver-se fora do alcance das mãos de Alexandre, bradou-lhe em ar de triunfo:

— Agora desafio-te a que faltes, outra vez, aos teus juramentos. Júlio não é meu amante. JÚLIO É TEU FILHO! É o NOSSO FILHO! Fuzila-o se és capaz. E a mim não tornarás a ver-me! Não tornarás a ver-me!

E dum salto, quasi num voo, como uma ave que se evade, desapareceu pelo primeiro ângulo do corredor — enquanto Alexandre, com os seus olhos sem expressão, como um morfinómano²⁴, a boca aberta para um grito que não ecoou, ficava imóvel, chumbado ao chão, sentindo que a casa, os móveis e os quadros rodopiavam à sua volta

²⁴ Reinaldo Ferreira consumia morfina e fez mais de uma cura de desintoxicação.

num baile alucinado, que o envolvia todo, que o entontecia e ameaçava atirá-lo por terra.

Meia hora depois, Leopoldo vinha encontrá-lo abancado a uma secretária, com a cabeça entre as mãos.

— Que queres?

— É o ministro da guerra que deseja apresentar à assinatura o decreto ordenando o fuzilamento imediato do criminoso que atentou contra a sua vida, excelência.

FIM